

AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, EM TEMPOS DE PANDEMIA

AFFECTIVITY IN THE LEARNING PROCESS, IN TIMES OF PANDEMIC

DOI 10.5281/zenodo.14530363

Fernanda Cristina da Silva Justino Pasche¹, Luisa Ribeiro Baroni²

UNISGNORELLI / UNIRJ

RESUMO

Este artigo tem por objetivo demonstrar, sob a perspectiva de teóricos do desenvolvimento, a importância que a afetividade tem para o processo de aprendizagem de crianças e de jovens e como o professor possui papel central e elementar na mediação do afeto entre o objeto de conhecimento e seus alunos. À luz do que se compreende sobre afetividade em Moran (2010) e Oliveira (2012), buscou-se investigar como ocorreu a abordagem desse sentimento no ensino remoto, implantado emergencialmente, no Brasil pela Medida Provisória nº 934, em decorrência da pandemia de SARS-COVID-19, que desencadeou diversas mudanças na forma de ministrar o ensino básico, em especial na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. A falta de contato humano, somada à precária oferta de recursos tecnológicos, afetou as relações escolares, rompendo

laços afetivos. Esses apontamentos precisam ser amplamente analisados e debatidos para que não haja retrocesso nos índices de desenvolvimento básico da educação e para evitar o aumento das taxas de evasão escolar. A Busca de respostas, explora a relação entre as práticas educativas e a evasão escolar, propondo reflexões sobre as condições que levam os alunos a abandonarem os bancos de estudo. Para essa abordagem far-se-á uso de Moran (2010), que discute a relevância da inovação pedagógica e da motivação dos alunos como estratégias para reduzir a evasão escolar.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem; Pandemia.

¹Pós-graduada – Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional Signorelli - UNISGNORELLI. E-mail: fernandajpasche@gmail.com

² Mestra em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e Coordenadora do Núcleo de Apoio Pedagógico - NAP do Centro Universitário do Rio de Janeiro – UNIRJ. E-mail: luisa.baroni@gmail.com

ABSTRACT

This article aims to demonstrate, from the perspective of development theorists, the importance that affectivity has for the learning process of children and young people and how the teacher has a central and elementary role in mediating affect between the object of knowledge and your students. In light of what is understood about affectivity in Moran (2010) and Oliveira (2012), we sought to investigate how this feeling was approached in remote teaching, implemented as an emergency, in Brazil by Provisional Measure No. 934, as a result of the SARS pandemic. -COVID-19, which triggered several changes in the way basic education is provided, especially in the State Department of Education of Rio de Janeiro. The lack of human contact, combined with the precarious supply of technological resources, affected school

relationships, breaking emotional ties. These notes need to be widely analyzed and debated so that there is no setback in the basic development rates of education and to avoid an increase in school dropout rates. The Search for Answers explores the relationship between educational practices and school dropout, proposing reflections on the conditions that lead students to abandon study benches. For this approach, Moran (2010) will be used, which discusses the relevance of pedagogical innovation and student motivation as strategies to reduce school dropout rates.

Keywords: Affectivity; Learning; Classes During the Pandemic.

1. INTRODUÇÃO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de SARS-COVID-19. A ação desse vírus, para o qual não havia imunidade, vacina, ou tratamento eficaz, provocou modificações sociais significativas em grande parte da população mundial. Especialistas passaram a defender o isolamento social como uma forma de achatar a curva de contaminação e garantir que os sistemas de saúde não colapsassem. A partir de então, as práticas sociais foram repensadas, incluindo o trabalho remoto em larga escala, a interrupção de serviços não essenciais, o cancelamento de eventos culturais e o fechamento das escolas.

Assim, com o prolongamento das restrições de circulação e a proibição de atividades presenciais para evitar aglomerações, a prática docente teve de reestruturar-se rapidamente para oferecer o ensino de forma remota. A tarefa foi árdua, devido ao curto prazo para um

planejamento adequado da modalidade à distância e à pluralidade de realidades no cenário educacional brasileiro, particularmente na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC RJ), foco deste estudo.

Apesar de a transição do ensino presencial para o remoto ter sido legitimada pela Medida Provisória nº 934 de 1º de abril de 2020, ela ocorreu de maneira abrupta e pouco organizada, tanto em escolas públicas, quanto em privadas. Na tentativa de transpor o ensino presencial para o ambiente virtual, sem o devido planejamento e sem considerar a afetividade – elemento crucial no processo de aprendizagem – transformou-se o ensino em um depósito de conteúdos pedagógicos, postados em plataformas e aplicativos digitais.

O objetivo deste estudo é investigar a relevância do aspecto afetivo no processo de aprendizagem humano à luz de teóricos do desenvolvimento como Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, uma vez verificadas as visões desses teóricos, analisaremos como o ensino remoto, instituído a partir da declaração da pandemia de COVID-19, não conseguiu contemplar, adequadamente, o referido elemento emocional e como isso impactou a aprendizagem dos estudantes fluminenses.

Como metodologia, realizou-se uma revisão da literatura sobre a importância da afetividade para a aprendizagem segundo os teóricos citados, e investigaram-se dados, pesquisas, opiniões e reportagens sobre o ensino remoto realizado pela SEEDUC RJ através da plataforma *Google Classroom*, durante o ano de 2020.

2. OBJETIVO

Investigar a importância da afetividade no processo de aprendizagem de crianças e de jovens, conforme os teóricos do desenvolvimento humano aqui já referidos, e analisar como o ensino remoto implementado durante a pandemia de COVID-19 impactou esse aspecto na educação básica, com foco na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

3. METODOLOGIA

Este estudo se baseia em uma revisão da literatura sobre a afetividade e a aprendizagem,

conforme teóricos como Piaget (1896 - 1980), Vygotsky (1896 - 1934) e Wallon (1879 -1962). Além disso, foram coletados dados e analisadas pesquisas, opiniões e reportagens sobre o ensino remoto no estado do Rio de Janeiro, durante o ano de 2020. A abordagem metodológica inclui uma análise qualitativa das informações obtidas, visando a compreender como a falta de interação afetiva no ensino remoto influenciou o aprendizado dos alunos.

4. DISCUSSÃO

Diante do cenário provocado pela COVID-19, a afetividade ganha uma importância ainda maior no processo de aprendizagem, embasando-se nas teorias de desenvolvimento de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon. A pesquisa analisa como o ensino remoto, implementado durante a pandemia, falhou em integrar adequadamente esse aspecto emocional, afetando negativamente a aprendizagem dos estudantes do estado do Rio de Janeiro.

4.1 A afetividade à luz dos pensadores do desenvolvimento humano

A partir de seus valorosos estudos, Jean Piaget (1999) nos trouxe a reflexão de que o sujeito aprende interagindo com o objeto do conhecimento. Dessa forma, quando a experiência gera no sujeito um desequilíbrio, ele é obrigado a assimilar e a acomodar o que foi assimilado, o que acaba lhe causando uma reestruturação do equilíbrio, conhecido como conhecimento ou aprendizagem. Fica evidenciado, dessa maneira, que, para Piaget, essa interação do sujeito com o objeto do conhecimento o afeta; e, uma vez afetado, ocorre dentro dele a equilibração necessária à aprendizagem.

Esclarece-se que o que se encontra em Piaget, sobre afetividade são apontamentos; pois, quando o autor discute a função da assimilação e da acomodação cognitiva, ele também afirma que esses processos de adaptação possuem um lado afetivo. Segundo o estudioso, a afetividade seria a fonte de energia utilizada pela cognição para impulsionar a inteligência. Sendo assim, na relação do sujeito com os objetos, com as pessoas e consigo, existe uma energia que direciona seu interesse para uma situação ou outra, e essa energia corresponde a uma ação cognitiva que organiza o funcionamento mental.

Lev Vygotsky (1989) compreende que a aquisição do conhecimento se estabelece por meio da interação do indivíduo com o meio. Ao reconhecer as bases orgânicas a partir das quais as emoções humanas se desenvolvem, o psicólogo e grande colaborador da Educação

Infantil buscou, na linguagem, os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo.

Para o autor, além da linguagem, as relações estabelecidas entre sujeito objeto de conhecimento e o agente mediador são marcadas pelo aspecto afetivo, tendo em vista que produzem impactos subjetivos no indivíduo. Esses impactos podem gerar influências positivas ou negativas, que irão aproximar ou afastar o aprendente do objeto de conhecimento.

Em Vygotsky (1989), entende-se que a emoção é a ação reflexa de certos estímulos mediados a partir do meio.

As emoções influenciam e diversificam o comportamento. Estas são divididas em dois grupos: um são os sentimentos positivos (força, satisfação etc) e o outro são sentimentos negativos (depressão, sofrimento, etc.) A cognição e o afeto são indissociáveis na constituição da pessoa. O sentimento de prazer ou desprazer e as emoções tem um caráter ativo, servindo como organizador interno das reações, estimulando ou inibindo-as. (Tomas; Emiliano, 2015, p.63).

A relação entre desenvolvimento e aprendizagem está atrelada ao fato de o indivíduo viver em um meio social. O desenvolvimento da aprendizagem dependerá das experiências a que o ser foi exposto e do quanto essas experiências foram capazes de afetá-lo. Segundo Vygotsky (*apud* Tomas; Emiliano, 2015, p.60):

O desenvolvimento do indivíduo é um processo construído nas e pelas interações que o indivíduo estabelece no contexto histórico e cultural em que está inserido. A construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação social, e, portanto, é a partir da inserção na cultura que a criança vai se desenvolvendo, uma vez que as interações sociais são responsáveis pela aquisição do conhecimento construído ao longo da história. E é a partir das relações sociais, da inserção da criança na cultura que esta vai se apropriando de novas aprendizagens e assim se desenvolvendo, é fundamental que o professor consiga relacionar alguns conceitos vigotskianos com a prática docente.

As trocas e a relação com o outro favorecem a aprendizagem e, a medida que vão ocorrendo, tornam-se mais significativas e relevantes.

É nas relações com o outro que os objetos tomam sentido afetivo e determinam a qualidade desse objeto internalizado, supondo que os processos de internalização envolvam tanto aspectos cognitivos como aspectos afetivos. A linguagem oral, o contato físico e a proximidade são elementos indissociáveis, um leva ao outro e todos implicam nas relações afetivas um significado maior no processo ensino-aprendizagem. (Tomas; Emiliano, 2015, p. 65).

Expõe-se, dessa forma, a importância que a afetividade e a qualidade da relação professor/aluno tem para o processo de aprendizagem. Em Vygotsky, a afetividade e a inteligência são indissociáveis e imprescindíveis para o desenvolvimento humano.

Piaget e Vygotsky já haviam sinalizado, em seus estudos sobre a teoria do desenvolvimento, a importância que a afetividade possui para o processo de aprendizagem, contudo foi Henry Wallon (1979) quem colocou uma lente de aumento sobre esse sentimento e o estudou de forma mais detalhada, demonstrando que a afetividade é vital para o desenvolvimento integral do ser humano e perpassa toda a vida. Em Wallon, a afetividade é compreendida como a capacidade de sermos afetados positiva ou negativamente por coisas que nos cercam em diferentes contextos socioculturais e em qualquer momento da vida.

A importância da afetividade para o autor está no fato de que o ser humano é envolvido por esse sentimento desde o momento em que nasce, até o fim de sua vida, e que o sujeito necessita das interações para aprender. Assim, a afetividade e a inteligência se misturam ao longo do desenvolvimento humano.

Para Wallon, a prática educacional não pode ser somente depósito de conteúdos, antes ela precisa ajudar o sujeito a tomar consciência de si e do outro, do espaço em que ele vive, do papel que cada um desempenha nesse contexto, respeitar a si e o que difere de si. A interação nesse contexto é fundamental, pequenos gestos de um professor em relação ao seu aluno, como um sorriso, um elogio, um olhar, constituem elementos fundamentais na construção de vínculos afetivos que contribuem, favoravelmente, no processo de aprendizagem.

O afetar é elementar para que o discente se sinta seguro, importante, estimulado e valorizado, além de contribuir para um ambiente escolar mais solidário e aprazível. O resultado de uma relação afetiva positiva entre professor e aluno é sempre um melhor desempenho no desenvolvimento da aprendizagem. Como melhor nos fala Leite e Tassano (2014, p. 20)

[...] as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhida, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

O tipo de interação que resulta entre o aprendente e o mediador determinará a personalidade do sujeito e a maneira como ele interagirá com o mundo, numa relação quase dialética como nos fala Wallon (1975, p. 159)

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se

atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro.

O papel do professor, para o autor, é de mediador do conhecimento. A forma como o professor se relaciona com o aluno reflete-se nas relações do aluno com o conhecimento e nas relações aluno com aluno. Nesse processo, docente e discente se afetam mutuamente, e o desenvolvimento cognitivo passa a ser, também, ampliação de afetos.

4.2 Considerações sobre os cenários educacionais pré e durante o período pandêmico

Os três teóricos, embora abordem o tema da afetividade com enfoques distintos, acabam convergindo sobre a importância que ela tem nos processos de aprendizagem humano. Fica bem evidente que, dentro de qualquer metodologia de ensino que se queira bem sucedida, a afetividade precisa ocupar papel central e ativo, para que se estabeleça com o aprendente vínculos capazes de mantê-lo motivado no próprio processo de aprendizagem em si.

O cenário educacional antes da pandemia de COVID-19 revela um quadro complexo e diverso, dar conta desse cenário seria tarefa árdua e ampla demais para este artigo. Dessa maneira, neste texto, buscou-se entender como tal cenário se configurava, focando na influência da afetividade no processo de aprendizagem em escolas estaduais do Rio de Janeiro, uma rede bastante heterogênea, que possuía cerca de 700 mil alunos, com necessidades bem distintas.

Entende-se, a partir das reflexões feitas por Wallon, que o aprendente necessita ser afetado para que o aprendizado aconteça. Como relata nesse trecho:

A aprendizagem, portanto, deve ser imbuída de interações sociais, trocas e formação de vínculos, intermediados pela compreensão do papel da afetividade e suas implicações. Isso pressupõe uma educação orientada para o desenvolvimento afetivo, social e intelectual de forma integrada, capaz de gerar processos que, em seu bojo, criem mecanismos de compreensão, aceitação, negação, assimilação, defesa ou administração das sensações e sentimentos desencadeados.

O panorama que temos nessa rede em relação à aprendizagem é que ela ocorre com mais facilidade quando o professor consegue afetar seu aluno e juntos constroem significados para conceitos epistemológicos e dá sentido a conteúdos universalizados, conforme afirma VYGOTSKY.

O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da "palavra", seu componente indispensável. [...] Mas... o significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento. (Vygotsky, 1989, p. 104)

Vygotsky afirma que o significado é a chave da compreensão da unidade dialética entre pensamento e linguagem, e se constrói de acordo com as situações vivenciadas. Assim, estruturava-se, majoritariamente, o contexto da aprendizagem antes da pandemia dentro da rede estadual; um expansivo processo de intercâmbio, tanto entre o aprendiz e o objeto de conhecimento, como entre os sujeitos em si, no caso o docente e os discentes. Por intermédio de sua experiência e sensibilidade, sempre coube ao professor perceber as dificuldades que os alunos encontravam em seus processos de aprender e motivá-los afetivamente, de modo a facilitar sua aprendizagem.

Cabe ressaltar que essa prática é, na maioria dos casos, uma iniciativa no campo individual, atrelada a maior ou menor sensibilidade que cada docente desenvolve ao longo de sua carreira, e não uma ação coordenada, embasada em estudos científicos de pensadores do conhecimento, ou mesmo em uma diretriz que legitime e estabeleça a afetividade como essencial no processo de aprendizagem dentro da rede. Leite (apud Mousker, Szymanky, 2014, p.4) nos alude a essa questão conforme abaixo:

Embora, no discurso, atualmente, os envolvidos na educação reconheçam o afeto como parte do sistema interfuncional de aprendizagem, essa dimensão ainda é negligenciada nas relações pedagógicas, pois não só historicamente constata-se a dicotomia entre saber e afeto, entre aprendizagem e emoção, como a análise dos documentos que perpassam o cotidiano escolar revela a soberania dos aspectos cognitivos ou do intelecto sob os de ordem emocional.

Compreende-se, que embora a afetividade seja de fundamental importância e esteja presente no processo de aprendizagem da rede estadual de educação do Rio de Janeiro, ela ainda ocorre de forma intuitiva e amadora. Na formação docente ainda se privilegia os aspectos de cognição do aluno em detrimento dos aspectos afetivos. É preciso que se ofereça cursos de formação continuada, que possibilitem ao professor conhecer e entender além do cognitivo do aluno, chegando ao seu emocional, uma vez que, não há como separar a aprendizagem da

afetividade, nem mesmo a razão da emoção, como nos demonstra Leite (*apud* Mousquer, SzymanskiZ, 2014, p.5), “*entender o homem como um ser cindido entre razão e emoção seria assumir que o homem é um ser que ora pensa, ora sente, não havendo vínculos ou relações determinantes entre essas duas dimensões*”.

Enfrentar tal desafio sempre constituiu uma tarefa de extrema dificuldade para o docente que não tem o devido preparo para o exercício da docência. Contudo, a prática cotidiana do professor vai lhe oferecendo alguns subsídios para que se perceba que o ato de se chegar perto do aluno, ser dele um parceiro, enxergá-lo em sua totalidade, acaba gerando vínculos que o ajuda a desenvolver melhor a sua aprendizagem.

Assim, 2020 configurou uma nova década, com grandes lacunas no processo educacional do Rio de Janeiro. Compreende-se que os êxitos conquistados na rede pública estadual, até então, não advêm, na maioria dos casos, de práticas pedagógicas embasadas em teorias do desenvolvimento que privilegiam a afetividade como ponto fundamental, nem tampouco em práticas que abrangem a educação de maneira universal, pelo contrário, muitas vezes, são iniciativas isoladas de cunho individual, que garantem o sucesso de um aluno, de uma turma ou até de uma escola.

Outro ponto muito sensível dentro do sistema educacional em apreço antes da pandemia COVID 19, e que o contexto nos impõe expor, é a deficiência na formação de professores em relação ao uso de novas tecnologias de comunicação e informação com finalidades pedagógicas, além dos baixíssimos recursos tecnológicos de que as escolas da rede dispunham. Laboratórios de informática sempre foram “artigos de luxo” para a maioria das escolas estaduais e, quando os tinham, funcionavam de maneira precária com pouquíssimos equipamentos de computador e internet de baixíssima velocidade, como se pode constatar na fala do atual Secretário Estadual de Educação do Rio de Janeiro, Comte Bitencourt, em entrevista dada ao jornal *diário do Rio.com* em 06 de janeiro de 2021, onde se lê que “cerca de 85% da nossa rede tinha apenas 1 Mega de velocidade, o que não atendia nem aos gestores, nem aos alunos. Esse déficit tornou-se ainda mais evidente em função da pandemia, que demandou maior e melhor conectividade”.

Nessa seara, constata-se a total deficiência de logística das escolas estaduais do Rio de Janeiro para uma possível migração do ensino presencial para o remoto. Além disso, convém destacar que grande parte dos alunos dessa rede padecem de hipossuficiência de recursos financeiros e, até mesmo, alimentar. Por conseguinte, em um quadro tão deficitário, em que nem mesmo o poder público consegue ofertar os recursos tecnológicos para o ensino à distância,

como imaginar que pessoas que necessitam ir à escola para comer conseguirão proporcionar aos seus filhos os materiais necessários para o acesso *on line*?

Sendo assim, torna-se bem relevante pensar que a transposição das aulas presenciais para o sistema remoto não foi uma tarefa das mais bem-sucedidas, uma vez que, a falta de capacitação do professor e a dificuldade/impossibilidade de acesso às mídias digitais pelos alunos, extinguíram a possibilidade de percepção de seu emocional, bem como de sua afetação, tornando a aprendizagem algo meramente racional e solitária, quando não impossível.

Como aqui já abordado, a escola é um lugar de encontro, de troca de saberes, de diálogo, de relações com o diferente e sobretudo de envolvimento de afeto, que proporcionam a aprendizagem de maneira mais produtiva. Com as escolas fechadas em 2020, essa forma de vivenciar o espaço escolar tornou-se inviável. O cenário educacional durante a pandemia de Covid-19 promoveu, emergencialmente, a necessidade de atender o aluno de forma virtual. Dessa feita, a estratégia traçada inicialmente e oficialmente pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro foi uma parceria com a *Google* para utilização da plataforma *Google Classroom*. Cerca de 700 mil alunos foram migrados das salas de aulas presenciais para dentro de salas virtuais sem o preparo adequado de docentes como evidenciam dados da pesquisa de Santos Júnior (2018).

5. CONCLUSÃO

A afetividade desempenha um papel central no processo de aprendizagem, como demonstrado por teóricos como Piaget, Vygotsky e Wallon (ANOOOO). No entanto, o ensino remoto implementado durante a pandemia de COVID-19 falhou em manter os laços afetivos necessários para um aprendizado eficaz. É essencial que futuras políticas educacionais considerem a importância da afetividade para evitar os impactos negativos observados e garantir o desenvolvimento integral dos alunos

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Trad. de E. R. N. Figueiredo. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Educação e evasão escolar: a busca de respostas*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

LEITE, João. Apud MOUSKER, Talita; SZYMANKY, Rafael. *Titulo do livro ou artigo*. São Paulo: Editora, 2014

MORAN, José Manuel. *Educação a distância: o que é, como funciona*. São Paulo: Editora Papirus, 2010.

OLIVEIRA, Rita de Cássia S. de. *Evasão escolar: causas e consequências*. São Paulo: Editora Universitária, 2015.

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

SANTOS JÚNIOR, A. F. dos. *A Inclusão Educacional: Caminhos e Desafios*. São Paulo: Editora V, 2018.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução de M. Resende. Lisboa: Antídoto, 1979.

_____. *A formação social da mente*. Tradução: Grupo de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos. Departamento de Ciências Biológicas – USP. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henry. *A evolução do conceito de afetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. Henry. *A psicologia genética*. Trad. Ana Ra In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea). 1975.